

CORPOS QUE ESCAPAM: AÇÃO CULTURAL COMO RESISTÊNCIA

Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira*

RESUMO: Como se consubstancia a resistência em tempos globalizados, quando o controle sobre os sujeitos é exercido de forma capilar, englobando a vida em todos os aspectos? Sob a égide de um biopoder, como é possível resistir? O capital penetrou profundamente a vida humana, inscrevendo-se nos corpos, nas subjetividades, nos afetos, nos desejos. Como compor linhas de força que se consubstanciem em um antipoder? A oposição agora foge à esfera do político e se inscreve na da cultura, na medida em que visa outras conquistas e cria novas potências de vida, novas sinergias coletivas. A aposta é na resistência como possibilidade, como alargamento da esfera do ser, como processo de libertação baseado na livre expressão das diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Cultura. Resistência.

BODIES IN EVASION: CULTURAL ACTION AS RESISTANCE

ABSTRACT: How is the resistance substantiated in this globalized era, when the control over people is exercised in a capillary level, involving all aspects of life? Under the control of a biopower, is it possible to resist? Capital has deeply inscribed itself in human life, bodies, subjectiveness, affections, desires. How could an anti-power emerge? The opposition now flees from the political sphere, and inscribes itself in the cultural realm by creating new potentialities and new collective synergies. The bet is on the resistance as a possibility, an enlargement of the sphere of the being, as a liberation process based on free expression of diversities.

KEY WORDS: Body. Culture. Resistance.

* Professora Doutora de Teorias da Ação Cultural na Escola de Comunicações e Artes da USP
E-mail: lumaneo@ajato.com.br

Recebido em: 21/07/2008

Enviado em: 18/08/2008

Apreender o que está em jogo no presente, quais as urgências do presente e tentar dar visibilidade às novas experimentações de vida, às saídas inventivas, captando configurando tendências na consubstanciação da resistência na atualidade: eis a perspectiva a partir da qual se refletirá. Pensar uma nova cartografia das multiplicidades sustentada na ação cultural, efetivada na mobilidade identitária, na vida sem mediação, nas zonas autônomas temporárias, nos grupos de afinidade, na ação direta, na arte que toca a vida, nos corpos que escapam.

Como é forjada a resistência ao capitalismo, entendido como modo de produção e processo civilizatório, que o filósofo Peter Pál Pelbart denomina capitalismo cultural, já que expropria e vende modos de vida, estabelecendo uma nova relação entre capital e subjetividade?

Como, ao poder sobre a vida, contrapor o poder da vida, sua potência? Arrancar da existência a vida, como sugeriu Antonin Artaud (1993)?

Em outras palavras, o que é lutar pela vida hoje, quando vivemos sob a égide de um biopoder que se exerce em todos os recantos da existência, quando o controle sobre os sujeitos é exercido de forma capilar, englobando a vida em todos os aspectos? Explicitando: biopoder, conceito forjado pelo filósofo Michel Foucault (2004), é a forma de poder que regula todas as esferas da vida, dominando-a, inscrevendo-se nos corpos, nas subjetividades, nos afetos, nos desejos, em escala molecular. O biopoder foi elemento indispensável ao desenvolvimento capitalista, de forma a garantir uma inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e um ajustamento dos fenômenos da população aos processos econômicos.

O capital penetrou profundamente a vida humana. Assim, a resistência se expressa como luta em nome da vida, de uma outra forma de vida, respondendo ao complexo jogo de forças que caracteriza o poder nas sociedades contemporâneas. A humanidade existe para viver: essa é a reapropriação pela qual se luta, da vida como processo ao vivê-la aqui e agora, não empenhando um futuro distante. Para fugir à lógica obsedante do poder atual, onde já não há lado de fora, em que as instâncias da oposição já estão previstas e a dissidência é rápida e permanentemente incorporada ao sistema, há que se proceder por ações e deserções, encontrar esferas paralelas onde se possa experimentar a existência de forma alargada. As modificações são engendradas através da ação cultural de sujeitos diversos. A resistência se consubstancia como ação cultural e não como ação política, na medida em que a ênfase não é mais no fim a ser alcançado e sim no processo como agente transformador. O que se assiste é o esgotamento da política em sua capacidade de representar possibilidades de mudança. A aposta é na resistência como

possibilidade, como alargamento da esfera do ser (MONTESQUIEU, 2005), como processo de libertação baseado na livre expressão das diferenças. O poder sobre a vida transmuta-se em potência de vida. Ação cultural é processo, aposta, risco. Exige uma disposição para o incerto, para o devir, em contraposição às soluções permanentes. O espaço da política tem como elemento fundamental o poder e a noção de finalidade. A cultura, por não ter um único porto onde ancorar, está em toda a parte, é, ela também, nesses tempos globais, fluida, móvel, mutante, não mais um objeto duro, mas composta de diferenças, contrastes, comparações, tendências, impermanências. Dentro da lógica obsessiva do poder atual, como e de que forma surgem novas agregações, outras maneiras de trabalhar, de criar, de viver, redes autônomas instaurando novos laços, novas interações conectivas?

A globalização intensificou as redes de comunicação através de inovações tecnológicas, o que tem sido de fundamental importância para a ação de grupos e sujeitos descontentes com sua dinâmica. A internet é um mapa aberto, conectando pontos, multiplicando entradas e saídas, colagens e perambulações. Assim como o capitalismo em sua fase atual, intervenções fluidas, móveis e rápidas que desestabilizam momentaneamente o sistema ou funcionam como espaços de novas experimentações têm sido constantes. Agem através de brechas, nos interstícios do poder global, criando Zonas Autônomas Temporárias. TAZ, como propõe Hakim Bey (2001). A idéia de criar uma zona autônoma em que se suspenda, mesmo que momentaneamente, o controle sobre a vida, que instaure uma desordem não prevista, a indisciplina dos corpos, abala a sociedade de controle. Sublevações temporárias se abrem como possibilidade, experiências de pico que mostram, em rápidos momentos de suspensão, como a vida pode ser vivida de outra maneira. O levante é uma ação de independência cuja experiência gera uma mudança substantiva no sujeito. A ação proposta pela TAZ dá-se a partir das fissuras do poder, momentos de suspensão que, ao serem deflagrados, devem desaparecer para reaparecer sob nova forma, em outra área. A TAZ busca uma oposição pela presença e pela diferença e se pretende uma experimentação não só de novas formas de ação política, mas de novas bases sociais comunitárias a fim de constituir governos da liberdade. Utopias temporárias possíveis. Ação cultural em largo sentido. A TAZ busca evitar a mediação: experimentar a existência de forma imediata numa modalidade de nomadismo em que se perambula de revolta em revolta. As novas formas de organização e ação baseadas na participação, na igualdade, no respeito às diferenças, na alegria e no desejo já anunciam o que se busca. A ênfase na ação

direta como fim, e não como meio, traz implícita essa idéia do processo como agente transformador: “a resistência como modo de existência” (informação verbal)¹

DA MASSA À MULTIDÃO DE SINGULARIDADE

O documentário independente intitulado *This is what democracy looks like*, feito por um coletivo de 100 câmeras que registrou os protestos em Seattle, de pontos e ângulos diferentes, pode ser tomado como emblema da resistência tal como se apresenta hoje. Apenas para lembrar, Seattle sediou a reunião da Organização Mundial de Comércio batizada de “*Rodada do Milênio*” no final de novembro de 1999. Em oposição ao encontro, organizou-se o **III Dia de Ação Global** marcado por mobilizações e protestos de grupos e sujeitos diversos, com a participação de mais de 50 mil pessoas na cidade norte-americana, além de diversas manifestações ao redor do globo, como as festas de rua do coletivo *Reclaim the Streets* que aconteceram simultaneamente em 28 cidades ao redor do mundo. Durante três dias, as mobilizações e confrontos foram crescendo em tamanho e intensidade. O evento se constituiu em processo. O inesperado da ação, sua intensidade e potência, efetivamente conseguiram interromper as negociações da cúpula. Seattle tornou-se paradigma para diversas manifestações posteriores que pipocaram pelo globo e é considerado marco a partir do qual o movimento global das multidões aparece. O trabalho em redes, a mobilização possibilitada pelo uso da internet, o encaminhamento das ações de forma coletiva a partir do desdobramento do processo, são algumas das características que marcam intervenções na contemporaneidade.

Para John Jordan, membro do *Reclaim the Streets*, as intervenções contra o sistema devem funcionar como cardumes que se movem rapidamente em torno dos grandes e pesados navios. A força da criatividade individual em intervenções conjuntas e a urgência de agir estão em foco.

Ao ver o documentário a sensação é caleidoscópica: desenhos sendo formados a cada volta sem jamais se repetir. O que se enxerga é o corpo vital coletivo aberto a múltiplas conexões, rizomático, multidirecional. A alegria do

compartilhamento é plenamente percebida: afetos, desejos, não são anulados em nome da seriedade da ação, como outrora se caracterizava a ação política. A afirmação da vida, de uma outra forma de vida, se expressa pelo corpo, pela dança, ao se colar aos outros, ao construir outras aglutinações, ao constituir multidão.

O documentário mostra, de forma patente, a multidão de singularidades em ação compartilhada. Apesar do número significativo de manifestantes, não se tem nunca a sensação de massa, do pretume de gente descrito por Elias Canetti (1995) em seu clássico livro *Massa e Poder*, em que o sujeito se apaga na aglomeração, matéria humana amorfa e homogênea. Na massa, o indivíduo se sente ultrapassando as próprias fronteiras de sua pessoa, aliviado pela eliminação das distâncias entre os corpos, compondo um bloco compacto, uniforme. A massa necessita de alguém que lhe dê direção. Massa e liderança são um binômio inseparável. A multidão de manifestantes de Seattle se parece muito mais com a “*singularidade qualquer*” conceituada por Giorgio Agamben (2001), que não se define por sua pertinência a uma identidade específica, recusando o Estado e formas pré-estabelecidas, afirmando seu ser comum em formações não identificáveis. Lutam contra formas de assujeitamento, de submissão da subjetividade a qualquer tipo de poder, na tentativa de criar um antipoder, gerando manifestações amplas e autônomas, desvinculadas de partidos políticos, sindicatos e outras instituições, de movimentos identitários. O lema zapatista de *construção de um mundo em que caibam vários mundos* define a forma de ação. Incluir é palavra de ordem; igualdade como respeito às diferenças e como participação direta nas decisões e ações. A idéia de rede é fundamental para a compreensão dessas intervenções. A rede não é exclusiva, o que significa que é possível participar em diferentes redes simultaneamente. Redes, em oposição à forma tradicional das organizações, são fluidas, móveis e flexíveis. Uma nova forma de coabitação. Descentralizadas, plurais e momentâneas. Seu princípio é o da junção de indivíduos, grupos e outras redes, para a realização de um objetivo comum em que eventuais divergências não precisam ser superadas para que a ação aconteça. É uma livre dissociação. Segundo (RIOKI; ORTELLADO, 2004), “na rede as partes se unem para perseguir objetivos específicos respeitando apenas princípios gerais acordados, o que permite o trabalho comum de indivíduos e grupos bastante diferentes”. Esses grupos de afinidade são elementos constitutivos da resistência tal como se apresenta hoje. Podem ser definidos como a congregação de pessoas que se conhecem e têm objetivos parecidos, aversões similares, mesmo que momentaneamente.

A democracia direta diz respeito à vontade individual compondo uma vontade coletiva. Quais as possibilidades que se apresentam aos sujeitos para produzir zonas de existência alternativas às oferecidas pelo capital?

A resistência na atualidade é híbrida, difusa, não mais determinada por nenhuma condição de pertencimento. Forma rizomática, aberta, como conceitua os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), conectando um ponto qualquer a outro ponto qualquer sem que tenham traços da mesma natureza, opostas as formas arborescentes dos partidos políticos, sindicatos, aos órgãos de poder. Horizontalidade X Verticalidade. O conceito de multidão é crucial para o entendimento da esfera pública na atualidade, ocupando, segundo Paolo Virno (2004), uma região intermediária entre o individual e o coletivo, tornando inválida a distinção entre público e privado. Para a multidão, o coletivo não é a tradução de uma vontade geral levada a cabo pelo Estado e sim a reafirmação de uma multiplicidade de singularidades buscando novas formas políticas, a defesa da pluralidade de experiências, de formas de democracia não representativa, de usos e costumes não governamentais. Antonio Negri e Michael Hardt (2005) apontam que quando denominamos a multidão um “*conjunto de singularidades*”, estamos nos referindo a singularidades diferentes, nunca identificadas no conjunto e tampouco consubstanciadas como indivíduos separados. A singularidade é feita do conjunto e para o conjunto. A multidão é potência, sua consistência é constituinte. A multidão desafia a representação porque é uma multiplicidade indefinida, incomensurável. Contemporaneamente assistimos à emergência das multidões e ao desaparecimento dos povos: multidões que seguem dinâmicas moleculares reivindicam diferenças, experimentam cruzamentos e hibridações, valorizam o processo de atuação como agente transformador, no vácuo deixado pelo descrédito nas instituições políticas tradicionais e na estrutura da representação, pilares do exercício político e um dos pontos nodais da política moderna. O enfraquecimento do Estado nacional põe em xeque o modelo da representação ao mesmo tempo em que potencializa poderes indefinidos. A abolição da representação surge como única possibilidade de ampliar a existência, fortalecendo microlocalidades em contraponto à globalização do mundo: microlocalidades conectadas, dinâmicas. A ação direta extravasa a previsibilidade da política e cria novas formas de interação, em redes globais conectadas, agindo de forma fluida, tanto em confronto direto quanto na criação de universos paralelos, de alargamento da existência. Grupos e sujeitos se agregam e desagregam continuamente, diversamente do que possibilita a democracia representativa, fortemente ancorada no espaço territorial.

Espaços de criação poética coletiva são instituídos onde sujeitos podem intercambiar práticas e vivenciar experiências de autonomia e afetividade, na produção coletiva do comum, na experimentação compartilhada, em relações horizontais, não hierarquizadas, sem lideranças; nas relações baseadas na igualdade, na liberdade e na participação; na potência e efemeridade da composição. A comunicação entre sujeitos diversos que, reafirmando continuamente suas diferenças, busca encontrar pontos que possibilitem a ação conjunta, temporária “os grupos de afinidade livremente dissociados”, caracteriza a multidão de singularidades ligada em rede de forma rizomática. Convergência que pressupõe a expressão livre desses sujeitos deslocando as relações hierárquicas, autoritárias, para relações horizontais e colaborativas. Se essa tendência se consubstanciará, de fato, em um novo projeto de democracia, em que a participação ativa dos sujeitos garantirá a ampliação da esfera pública é impossível saber. A forma acentrada do poder, tal como se apresenta hoje, fluidifica a ação de resistência ao mesmo tempo em que afirma seu caráter conjunto: a ação só se realiza coletivamente. Como realizar o coletivo em termos de bem comum é outra questão fundamental de difícil resposta. A conjugação da multiplicidade e da singularidade aponta para uma tensão constante entre pólos extremos: associação e dissociação, participação e apatia, concentração e dispersão. Qual uso os sujeitos farão de sua liberdade influenciando as condições de sua própria existência, e de que forma essa liberdade individual se realizará em um projeto coletivo é prognóstico incerto. Cabe assinalar que a constituição do coletivo é pensada aqui a partir da existência de sujeitos autônomos, contrários à idéia de massa e povo. O coletivo, a solidariedade do coletivo, pressupõe a existência primeira de sujeitos.

A efemeridade das intervenções de inúmeros dos grupos de afinidade, suas ações rápidas, reflete novos rituais coletivos ajustados à complexa dinâmica da vida contemporânea. A efemeridade caracteriza a própria existência desses grupos, que surgem, agem, se desfazem, se reagrupam, de forma espontânea, com conflitos advindos de sua própria dinâmica. Divergências aparecem, explicitam-se. Isso ressalta a necessidade da ação construir-se como ação cultural, ou seja, funcionar como um processo de mudança sem fim definido. Arestas são aparadas em meio à ação e formas possíveis de compartilhamento são criadas. Só assim a ação de grupos de afinidade e coletivos é possível. As redes eletrônicas permitiram a junção de sujeitos dos mais variados, agrupados para intervenções conjuntas. Sem líderes, sem hierarquia, sem figuras egóicas. Ação multiplicada via multidão de singularidades, que torna a coisa existente ao fazer, em ação. A singularidade se afirma nesse espaço/tempo que ela mesma cria, que se constitui em

espaço paralelo ao espaço oficial.

Pelbart (2003) aponta que hoje o comum é o espaço produtivo por excelência, diferentemente de algumas décadas atrás, em que o comum era definido, mas também vivido como aquele espaço abstrato, que conjugava as individualidades e se sobrepunha a elas, seja como espaço público, seja como política.

ARTE QUE TOCA A VIDA

Nessa nova configuração, ativismo e arte ganham novos contornos. A *performance* que sujeitos dos mais variados propõem visa esse momento de intensidade radical em que a vida pode ser experimentada em um universo próprio, paralelo. A *performance* engaja o artista e a assistência, que deve compartilhar da intensidade da experiência proposta. Como poéticas da ação, as performances visam a radicalização das emoções em uma espécie de ritual em que seus participantes são confrontados com seus próprios limites a fim de experienciar a vida de forma alargada. Ação direta em seu sentido mais amplo, que rompe com os suportes tradicionais buscando a fusão entre arte e vida. A representação é radicalmente abolida. A ênfase no processo, na possibilidade de que a experiência sirva como agente de transformação de seus participantes, ressalta sua efemeridade e sua atitude existencial. A *performance* surge como forma privilegiada de intensificar a existência, de alargá-la e, nesse sentido, é a forma privilegiada da arte, potência do instante em que a obra se realiza. O artista da cidade é coletivo e a fisionomia da cidade é dada pela dinâmica dos sujeitos que a ocupam. A aproximação e, no limite, a fusão entre arte e vida, questão que rondou inúmeras intervenções artísticas ao longo do século XX e que adentrou o século atual, elimina o espectador tornando-o sujeito de ação, rompendo com o estabelecido e imobilizado “*como o espaço da política*”, permitindo que algo novo entre em cena, ou pelo menos, que a possibilidade de provocar, estimular, correr riscos, convocar a potência da vida, se abra como alternativa.

Para exemplificar. O coletivo norte-americano *Critical Art Ensemble* dedica-se à exploração das intersecções entre arte, tecnologia, política radical e teoria crítica. Cria intervenções moleculares que contribuam para a oposição à crescente cultura autoritária. Entre outras coisas, propõe ações no ciberespaço de forma a desestabilizar instituições, o que denominam desobediência civil eletrônica. Propõe, também, *performances* participativas que criticam as representações,

produtos e políticas relacionadas à emergente biotecnologia. Para o *Critical Art Ensemble*, o teatro de rua pode ser definido como aquele em que situações efêmeras e autônomas são performadas, possibilitando a emergência de novas relações entre os participantes, tornando possível o diálogo crítico sobre determinado tema. Múltiplas linhas de desejo bem como numerosas formas de interação social podem encontrar canais de expressão. Quando ocorre o contato entre *performer* e audiência, a discrepância de poder entre eles é apagada, funcionando como processo gerativo que produz desterritorializações e se abre para uma multiplicidade de direções não determinadas. A *performance* é arriscada já que o devir é sempre desconhecido.

Os *Tute Bianche* apareceram na Itália, em setembro de 1994, após a prefeitura de Milão desocupar o prédio onde funcionava o centro social Leoncavallo, *squatted*. Os *squatters* ocupam prédios abandonados onde são criados centros culturais e moradias comunitárias. O prefeito declarou que, a partir de então, *squatters* não seriam mais do que fantasmas vagando pela cidade. A resposta bem-humorada resultou na ocupação das ruas, em protesto intenso, por manifestantes vestidos com macacões brancos, como fantasmas. O *squatt* foi salvo e as intervenções dos *Tute Bianche*, como símbolo da invisibilidade dos excluídos pelo capitalismo, espalharam-se pelo mundo, da Finlândia ao México. A partir de então, os *Tute Bianche* participaram de inúmeras manifestações ao redor do globo. Utilizam seu potencial performático tendo como premissa a idéia de que o corpo pode ser usado como arma, antagonizando um poder que faz uso de um aparato descomunal para confrontá-los. A imagem dos corpos utilizando material reciclado, grandes bóias de borracha, capacetes coloridos, plásticos, refugos em geral, como aparato de defesa contra policiais fantasiados de *robocops*, cria imagens altamente simbólicas que expõem o desequilíbrio do confronto, em que os corpos, em ação direta, surgem fortalecidos. Centenas de pessoas trajando macacões brancos em longas marchas que ocupam as ruas de maneira inesperada. A intencionalidade da *performance*, sua documentação e divulgação concretizam a ação em processo. O grupo existiu até 2001, nos protestos anti-G8 que ocorreram em Gênova, Itália.

Outro coletivo com ação interessante é o *Reclaim the Streets*, que surgiu em Londres em 1994, congregando ambientalistas, *ravers*, *squatters* e anarquistas, dispostos a lutar pelo direito de ocupação do espaço público, encontrando brechas e as preenchendo de maneiras inesperadas, surpreendentes. A ação do coletivo pode acontecer assim:

Dois carros chocam-se em uma rua movimentada da cidade. Os motoristas

descem dos carros, discutem asperamente e partem para a agressão física simulada. Nesse momento, centenas de pessoas saem do metrô e de outros lugares ao redor, ocupando a cena urbana: ciclistas, artistas de circo, mulheres, homens e crianças, músicos, pernas-de-pau. Os carros são virados e pintados. O som é ligado e a festa está aberta. Tanques de areia são instalados, sofás distribuídos, piscinas armadas. Faixas e flâmulas coloridas redecoram a cidade cinzenta. Está armada uma festa de rua, principal forma de ação do *Reclaim the Streets*. A retomada das ruas como espaço público por excelência, permite que novas experiências sejam vividas e compartilhadas por sujeitos diversos, sem fim determinado, sem objetivos a serem perseguidos, sem imposições, em que se celebra a liberação temporária da ordem estabelecida. Hierarquias e autoridades não têm lugar. Verticalismos e paternalismos estão fora. Tempo e espaço são redimensionados pelo prazer de compartilhar uma experiência vital.

Compartilhar é a palavra comum a justificar a criação de tantos coletivos que pipocam mundo afora.

Quando a vida parece inteiramente submetida aos desígnios do capitalismo global, a resistência passa a ser expressa como luta para reapropriá-la: libertar corpos, subjetividades, desejos e afetos, criar outras formas de vida, outras sinergias coletivas. Michel Foucault apontou a indignidade de se falar pelos outros. Indignidade maior é viver pelos outros, traçar a vida alheia. É necessário reinventar a vida ao vivê-la, transformando-a, experimentando suas inúmeras possibilidades. O inesperado, o que não tem fim determinado, sugere que tudo pode acontecer.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *The coming community*. Minneapolis: University of Minnesota, 2001.
- ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. Rio Janeiro: Martins Fontes, 1993.
- BEY, Hakim. *TAZ: zona autônoma temporária*. São Paulo: Conrad, 2001. Coleção Baderna.
- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CRITICAL ART ENSEMBLE. *Digital resistance: explorations in tactical media*. New York: Autonomedia, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. v. I, III e V.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 20. ed. São Paulo: Graal, 2004.

- HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Trad. Clóvis Marques. Rio Janeiro: Record, 2005.
- LUDD, Ned (Org). **Urgência das ruas**. São Paulo: Conrad, 2002. Coleção Baderna.
- MONTESQUIEU, Charles. **Ensaio sobre o gosto**. Tradução e Posfácio de Teixeira Coelho. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- RIOKI, André; ORTELLADO, Pablo. **Estamos vencendo! Resistência global no Brasil**. São Paulo: Conrad, 2004. Coleção Baderna.
- VIRNO, Paolo. **A grammar of the multitude**. Los Angeles: Semiotext(e), 2004.
- THIS IS WHAT democracy looks like. Videografia: Independent media center/Big noise film. Seattle/New York: [s. n.], 2000. 1 videocassete (72 minutos)